

DISCURSO E TELEINVENÇÃO DO BRASIL PROFUNDO EM ONDE NASCEM OS FORTES (2018)

DISCURSO E (TELE)INVENCION DEL BRASIL PROFUNDO EN DONDE NACEN LOS FUERTES (2018)

DISCOURSE AND (TELE)INVENTION OF DEEP BRAZIL IN LAND OF THE STRONG (2018)

Tacia Rocha ¹

tacia.rocha.f@gmail.com

Rodrigo Cabrini Dall'Ago ²

rcdallago@gmail.com

Blake Oliver Furquim de Camargo ³

blake.camargo@hotmail.com

RESUMO

Este estudo objetiva compreender de que modo o discurso ficcional da supersérie *Onde Nascem Os Fortes* (2018) produz um arquivo da brasilidade “nordestinizada”, pretendendo-se exemplar do Brasil Profundo na teledramaturgia brasileira. Esta pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, orientada teórica-metodologicamente pelos estudos discursivos foucaultiano, tem como arquivo fontes documentais — literárias, musicais e cinematográficas — e bibliográficas — história do nordestino, do Nordeste e da teledramaturgia brasileira. Os resultados revelam que a materialidade utiliza elementos naturais como personagens para (re)atualizar saberes-poderes deterministas sobre a identidade nacional “nordestinizada”. Conclui-se que essa prática imagético-discursiva atualiza e emula o cenário polarizado do Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Estudos discursivos foucaultianos. Arquivo. Teledramaturgia.

¹ Professora e bolsista do “Bolsa Pesquisa” no Centro Universitário Cidade Verde (Unicive). Doutora em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PLE/UEM).

² Professor no Centro Universitário Cidade Verde (Unicive). Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM).

³ Professor no Centro Universitário Cidade Verde (Unicive). Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM).

ABSTRACT

This study aims to understand how the fictional discourse of the superseries Land of the Strong (2018) produces an archive of “northeasternized” Brazilianness, positioning itself as an example of “Deep Brazil” in Brazilian teledramaturgy. It classifies as exploratory research with a qualitative approach, theoretically and methodologically guided by Foucauldian discursive studies, with an archive composed of documentary sources — literary, musical, and cinematographic — as well as bibliographical sources regarding the history of the Northeasterner, the Northeast region, and Brazilian teledramaturgy. The results reveal that the imagetic-discursive machinery presented in the piece uses natural elements as characters to (re)update deterministic knowledge-powers concerning the “northeasternized” national identity. It concludes that this imagetic-discursive practice updates and emulates the polarized scenario of contemporary Brazil.

Keywords: Foucauldian discursive studies. Archive. Teledramaturgy.

RESUMEN

Este estudio tiene como objetivo comprender cómo el discurso ficcional de la superserie Donde nacen los fuertes (2018) produce un archivo sobre la brasilidad “nordestinizada”, pretendiendo ser un ejemplo del Brasil Profundo en la teledramaturgia brasileña. Se clasifica como una investigación exploratoria con enfoque cualitativo, orientada teórica y metodológicamente por los estudios discursivos foucaultiano, cuyo archivo se compone de fuentes documentales (literarias, musicales y cinematográficas) y bibliográficas sobre la historia del nordestino, del Nordeste y de la teledramaturgia brasileña. Los resultados revelan que la maquinaria imagético-discursiva de la obra utiliza elementos naturales como personajes para (re)actualizar saberes-poderes deterministas sobre la identidad nacional “nordestinizada”. Se concluye que esta práctica imagético-discursiva actualiza y emula el escenario polarizado del Brasil contemporáneo.

Palabras clave: Estudios discursivos foucaultianos. Archivo. Teledramaturgia.

1 FICÇÃO SERIADA, ARQUIVO E BRASIL PROFUNDO: UMA APRESENTAÇÃO

A compreensão do papel do cenário no audiovisual remonta aos primórdios do cinema, diferenciando-se do teatro pela capacidade de o drama existir independentemente da figura humana (Bordwell; Thompson, 2013). Partindo do pressuposto de que o “cenário no cinema pode vir para o primeiro plano” e que “ele não precisa ser apenas um recipiente para eventos humanos” (Bordwell; Thompson, 2013, p. 209), a supersérie *Onde Nascem Os Fortes* (2018) estabelece uma relação estética íntima com o fazer cinematográfico. Conforme declara o diretor artístico da produção, José Luiz Villamarim, elementos naturais, como o sol, o calor e o vento do Cariri Paraibano são elevados ao *status* de figuras dramáticas, transformando o sertão em uma personagem onipresente na narrativa (Gshow, 2018a).

Essas escolhas estéticas não são isoladas, mas integram um vasto “estoque de verdades” sobre a identidade nacional. Sob a ótica de Michel Foucault (2008), esse estoque constitui o arquivo, operando como o conjunto de regras que segmenta o dizível e o esquecível em uma cultura. A partir dessa lógica, é possível afirmar que as telenovelas da TV Globo desempenham no Brasil um papel análogo ao do cinema hollywoodiano nos Estados Unidos, atuando como potentes dispositivos de produção de saberes-poderes sobre o que é ser brasileiro. A teledramaturgia, portanto, consolida-se como um fundamental “recurso comunicativo” (Lopes, 2009) e na produção da “narrativa da Nação” (Lopes, 2003).

O objetivo central desta pesquisa é compreender como o discurso ficcional da referida obra produz um arquivo sobre a brasilidade “nordestinizada”, pretendendo-se exemplar do conceito de Brasil Profundo na teledramaturgia brasileira. Classifica-se como pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa, orientada teórica-metodologicamente pelos Estudos Discursivos Foucaultianos, cujo arquivo é composto por fontes documentais - literárias, musicais e cinematográficas — e bibliográficas — história do nordestino, do Nordeste e da teledramaturgia brasileira. Além da presente seção, a investigação organiza-se em quatro eixos: i. encaminhamentos teórico-metodológicos para descrição discursiva audiovisual; ii. condições de emergência para o

aparecimento do Nordeste, nordestino e a (tele)invenção do Brasil Profundo na teledramaturgia; iii. regimes estilísticos e enunciados artísticos constitutivos do arquivo da brasilidade “nordestinizada”; iv. análise da sintaxe audiovisual da supersérie. O estudo encerra-se com as considerações finais.

2 ENCAMINHAMENTOS ARQUEOGENEALÓGICOS PARA A DESCRIÇÃO DE DISCURSOS FICCIONAIS-AUDIOVISUAIS

Para a realização de uma leitura discursiva de enunciados audiovisuais, adota-se o percurso orientado por Tasso (2010), o qual se desdobra em duas instâncias: os planos da visibilidade e da invisibilidade. O *plano da visibilidade* compreende a instância representacional, estética e formal, passível de descrição a partir do saber técnico da sintaxe audiovisual. Já o *plano da invisibilidade* constitui a instância simbólica e discursiva, na qual se investigam os processos de produção da materialidade, a historicidade e os regimes de verdade.

No âmbito da invisibilidade, a pesquisa distancia-se da interpretação de fontes como meros depósitos de verdades ocultas. Sob a perspectiva de Foucault (2008), recusa-se a ideia de que as fontes sejam indícios de um real a ser desvendado. Em vez disso, as fontes são tratadas como *monumentos*, compreendidos como construções históricas e discursivas, esculpidas pelo olhar do investigador (Albuquerque Júnior, 2007, p. 103). Essa transição justifica-se pela distinção e complementaridade entre a *arqueologia* — voltada à descrição dos enunciados e das condições históricas que permitem a manifestação de discursos — e a *genealogia*, que relaciona essa descrição ao que não é dito para ratificar as relações de poder. Assim, o sertão é analisado sob o método arqueogenealógico como monumento e não meramente como documento, pois seu funcionamento como ‘espaço outro’ depende da lei que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos.

A postura adotada diante do monumento exige a problematização do arquivo a partir de questões do presente, buscando rupturas e acontecimentos históricos. Os pontos de descontinuidade histórica são tomados tanto como parte de um *acontecimento histórico*, quanto como o discurso sobre ele como outro acontecimento histórico. Por

isso, propõe-se a fazer a “descrição desses acontecimentos como horizonte para a busca das unidades que aí se formam” (Foucault, 2008, p. 30). O *arquivo* é entendido como a “lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos” (Foucault, 2008, p. 147).

Sob essa ótica, a investigação das regularidades discursivas no plano da invisibilidade permite compreender a imagem do ‘nordestino forte’ não como um dado natural, mas como um efeito de poder. Tal construção opera para normalizar uma identidade regional específica que, ao ser reatualizada na teledramaturgia, funciona como uma resposta discursiva às crises do patriarcalismo tradicional. Ao fixar o sujeito a uma essência rústica e viril, o discurso ficcional estabelece um regime de verdade que busca estabilizar os sentidos em meio às transformações sociais contemporâneas. No contexto da teledramaturgia brasileira, as telenovelas da TV Globo consolidaram um regime de verdade sobre a brasilidade, exercendo efeitos de produção de saberes-poderes.

Do ponto de vista arqueológico, as práticas discursivas definem as modalidades, fazendo o sujeito aparecer como uma dispersão, por conta dos seus diversos *status*, lugares e posições de onde fala. A *posição-sujeito* ocupada pela emissora é central nesta análise, dado seu *know-how* técnico e sua autoridade para produzir a “narrativa da Nação” (Lopes, 2003), usar essa modalidade enunciativa como “recurso comunicativo” (Lopes, 2009) e na produção do “Brasil Profundo” (Lopes, 2025). Na supersérie *Onde Nascem Os Fortes* (2018), essa autoridade é reforçada pela equipe técnica qualificada, diretores artísticos e roteiristas que, juntos, integram pesquisas *in loco* às referências literárias para arquitetar uma paisagem visual-discursiva autêntica. Além disso, a materialidade conta com a presença de um elenco nordestino, que detêm o saber e a “língua” para falar sobre sua própria região. O sujeito que fala adota a posição de autoridade, pois ele fala do próprio sertão, onde a maior parte das cenas foram gravadas, formando uma paisagem visual-discursiva com moradores locais.

Voltando ao percurso de leitura de imagem proposto por Tasso (2010), que vai de encontro à pesquisa de Foucault (2004, p. 241), desenvolvida a partir de problemas precisos, delineamos como problematização do presente investigar: de que modo o discurso ficcional da supersérie *Onde Nascem Os Fortes* (2018) emerge como um

acontecimento que, ao articular séries enunciativas de campos artísticos, constitui o arquivo da brasilidade ‘nordestinizada’ e atualiza o Brasil Profundo na teledramaturgia brasileira? Para responder a tal questão, analisamos a “espessura material” do enunciado audiovisual (Foucault, 2008, p. 113), sob orientação de Jullier e Marie (2012), proposta metodológica já explorada em tese de doutorado (Rocha, 2024) de um dos autores, que estrutura a leitura em três níveis:

1. *Nível do plano*: analisando ponto de vista, enquadramento, movimentos de câmera e combinações sonoras;
2. *Nível da sequência*: observando a montagem e o *raccord*;
3. *Nível do filme/história*: verificando como os saberes são atualizados na superfície da obra.

O arcabouço supramencionado permite identificar as regularidades que converteram o sertão nordestino em uma personagem onipresente, que propõe narrar uma história de resistência no Brasil contemporâneo. Para orientar a análise nas seções 3, 4 e 5, bem como responder a problematização supracitada, esculpimos a metodologia de análise a partir da articulação entre os princípios da leitura discursiva (Tasso, 2010) e dos componentes da sintaxe audiovisual (Jullier; Marie, 2012), sistematizada na Figura 1. Inclusive, o item 1 do Plano da Invisibilidade - condições de produção e posição-sujeito, acerca do efeito de real, das condições imediatas, de quem fala e do *know how*, foi analisado nos parágrafos anteriores.

Figura 1 - Percurso de prática de leitura de discurso e(m) imagem



Fonte: Autoria nossa, com base em Tasso (2010) e Jullier e Marie (2012) e gerado com IA.

A seguir, continuamos o percurso metodológico sistematizado na Figura 1 analisando a instância simbólica e discursiva da (tele)invenção do Brasil Profundo e o funcionamento do arquivo da brasilidade (tele)enunciada, que sustentam a sintaxe audiovisual da prática discursiva de *Onde Nascem Os Fortes* (2018). Defendemos que esta é a principal contribuição para o presente dossiê: demonstrar uma prática teórico-analítico para perscrutar materialidade audiovisual, a fim de traçar uma ontologia crítica do momento presente, para compreender quem somos nós hoje, enquanto um Brasil Profundo, que foge daquele enunciado em documentos oficiais (Gros, 1995).

3 CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DA BRASILIDADE “NORDESTINIZADA” E DA TELEINVENÇÃO DO BRASIL PROFUNDO

Para investigar o plano da invisibilidade (Tasso, 2010), analisam-se as condições de emergência da (tele)invenção do Brasil Profundo e o acontecimento do arquivo da brasilidade contemporânea. Conforme Albuquerque Júnior (2013, p. 343), o Nordeste e o nordestino são “construções imagético-discursivas, constelações de sentido” forjadas pelas elites nortistas no final do século XIX para contrapor o declínio regional ao avanço do Sul cafeeiro. A “grande seca de setenta” (1877-1879) foi o marco que operou a “captura do conceito genérico de sertão pelo discurso regionalista nordestino”, transformando o fenômeno climático em uma ferramenta política (Albuquerque Júnior, 2019, p. 22). Portanto, a “seca de setenta” é a acontecimentalização de captura histórica de sentidos que funda o discurso regional nordestino, item 3 do Plano da Invisibilidade - condições de emergência e regime de verdade (Figura 1).

A consolidação desse imaginário deu-se com o monumento *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, responsável por introduzir a temática do sertão na identidade nacional ao estabelecer a dicotomia entre o litoral civilizado e o interior bárbaro. É de Cunha (2013, p. 115) o enunciado central que ressoa na materialidade de *Onde Nascem os Fortes* (2018): “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Esteticamente, a seca configurou uma paisagem de terra gretada, sol abrasador e luz branca intensa, habitada por figuras arquetípicas, como o jagunço, o cangaceiro e o beato, figuras estas que

amalgamam fé e violência (Albuquerque Júnior, 2019, p. 26). Esse arquivo foi reafirmado por Gilberto Freyre e Glauber Rocha, culminando na consolidação do sintagma “Nordeste” com a publicação dos livros *Nordeste* (1937), de Gilberto Freyre, e *O Outro Nordeste* (1937), de Djacir Menezes.

A invenção do nordestino visou também resgatar o patriarcalismo em crise, forjando um herói rústico e viril (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150), ancorado em saberes positivistas, naturalistas e social-darwinistas (Albuquerque Júnior, 2007, p. 24). Esse sujeito tradicional é reavivado na teledramaturgia contemporânea como contraponto à modernização e ao “novo feminismo” — descrito como jovem, ciberativista e neoliberal (Gonzaga, 2018). Na década de 1960, uma “*inversão discursiva*” permitiu o aparecimento do Brasil Profundo, um “território outro [...] um não-lugar, um território avesso às linhas de desejo padrão, escorrendo pelas margens” (Brito, 2016, p. 243). Esse conceito emergiu como uma “revelação apocalíptica de um outro Brasil” por meio de narrativas marginais de intelectuais visionários, como Ignácio de Loyola Brandão, Jorge Mautner e Waly Salomão (Brito, 2016, p. 271), cujos enunciados traduziam as mentalidades e práticas de segmentos subalternizados da classe trabalhadora (Baldaia, Araújo e Araújo, 2021, p. 7).

Na teledramaturgia, o realismo de *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968) e as tramas de Dias Gomes precederam a (tele)invenção do Brasil Profundo: a novela *Roque Santeiro* (Globo, 1985), que construiu um microcosmo nacional sob um olhar sudestino tornado hegemônico. A ficcionalização do Brasil Profundo na obra de Dias Gomes e Aguinaldo Silva se refere ao segundo acontecimento discursivo da prática analisada, conforme item 3 do Plano da Invisibilidade - condições de emergência e regime de verdade (Figura 1). A partir de 2018, a brasilidade adotada pela TV Globo como essência, utilizando o slogan “Para milhões de uns, milhões de Globos” para reconhecer o público em sua multiplicidade. Este movimento integrou uma estratégia de *rebranding* e a transição para uma empresa *mediatech*, reclassificando obras do horário das 23h como “superséries” para conferir-lhes o “status cultural que a série possui” e competir com o *streaming* internacional (Tondato *et al.*, 2019, p. 239 *apud* Rocha, 2024, p. 51).

A estratégia empresarial do Grupo Globo citada no parágrafo anterior integra parte das condições imediatas da formulação, item 1 do Plano da Invisibilidade (Figura

1). Trata-se de uma consequência da mudança no ritmo narrativo e tem efeitos na produção e na circulação das telenovelas, com a “serialização das novelas”. Enquanto materialidade, *Onde Nascem Os Fortes* (2018) funde a dinâmica de exibição de episódios quase diários como um folhetim e a estrutura dramática do melodrama, aos recursos técnico-estéticos da dramaturgia cinematográfica (cinema novo) e às características de séries, como personagens densos, viradas de tramas e ganchos que costumam os episódios, abordagem de temas complexos, produto fechado (espectadores não podem “se intrometer” na narrativa como em telenovelas) (Xavier, 2018).

Do ponto de vista temático, a estratégia empresarial do Grupo Globo atualiza o arquivo ao integrar o saber de realizadores nordestinos, conferindo realismo à ambientação, mas também reativando o tipo “homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos” (Albuquerque Júnior, 2013, p. 150) como ferramenta de contenção às transformações culturais em um cenário de acentuada polarização política. A produção desse saber com o uso de recursos do audiovisual contribui para consolidação do sertanejo como brasileiro típico, conforme item 3 do Plano da Invisibilidade - condições de emergência e regime de verdade - regimes de verdade (Figura 1).

Ainda sob a perspectiva foucaultiana, a transição empresarial para o modelo *mediatech* pode ser lida como um refinamento tecnológico da governabilidade. Ao adotar o *slogan* supracitado, a emissora não apenas reconhece a multiplicidade do público, mas exerce uma gestão de condutas e de verdades sobre a população nacional. Como um potente ‘recurso comunicativo’, a teledramaturgia passa a operar como um dispositivo de governo que organiza os sentidos do ‘Brasil Profundo’. Assim, a produção da ‘narrativa da Nação’ deixa de ser uma mera transmissão e torna-se um mecanismo que busca gerir as identidades regionais, enquadrando-as em um regime de verdade institucionalizado que responde às tensões e polarizações do momento presente.

Na próxima seção, fazemos o levantamento das referências estético-discursivas culturais que fundamentam a representação do Brasil Profundo que forma o arquivo audiovisual, isto é, o item 2 do Plano da Visibilidade - regimes estilísticos - e o 2 do Plano da Invisibilidade - arquivo e memória (Figura 1).

4 RETOMADA E ATUALIZAÇÃO: REGIMES ESTILÍSTICOS-DISCURSIVOS DO CINEMA NOVO, DOCUMENTAL E DESÉRTICO

Os espaços audiovisuais não são fundos neutros, mas ativos na constituição de relações de poder (Foucault, 2013). *Onde Nascem Os Fortes* (2018) consolidou uma atmosfera realista ao unir locações no semiárido a cenários dos Estúdios Globo. O sertão, tratado como elemento fundamental da narrativa, materializa a resiliência das personagens através de sua aridez. O objetivo específico desta seção é apresentar as referências estético-discursivas cinematográficas, musicais e literárias mobilizadas na (tele)representação do Brasil Profundo atual em *Onde Nascem Os Fortes* (2018).

No quesito estética do cinema, que constitui o “regime do sensível”, item 2 do Plano da Visibilidade - regimes estilísticos (Figura 1), a supersérie dialoga com a estética de *O Céu de Suely* (2006). As locações do filme de Karim Aïnouz revelam um sertão atualizado, no qual a aridez da paisagem e a arquitetura das construções espelham a dureza e a resiliência das personagens. Contudo, diferente do sertão mítico de Lampião e de Maria Bonita, a estética documental da obra foca em personagens comuns e no retrato da vida atual, apresentando cidades com mais motos do que vaqueiros (*Frames* 1 e 2, Figura 2). Essa visibilidade de uma paisagem atualizada utiliza planos amplos e longos para evidenciar a solidão e o desamparo (*Frame* 3, Figura 2), aliados ao naturalismo da interpretação do elenco (*Frame* 4, Figura 2).

Figura 2 - O sertão cearense mostrado no *Céu de Suely* é contemporâneo



Fonte: Autoria nossa a partir de *O Céu de Suely* (2006), de Karim Aïnouz.

Onde Nascem Os Fortes (2018), por sua vez, reaviva arquivo e memória, item 2 do Plano da Invisibilidade (Figura 1), ao recuperar um sertão moderno como em *O Céu de Suely* (2006) e, paralelamente, ao construir o sertão como uma personagem “de pedra e de pó”. Foi inventada a cidade fictícia de Sertão, cujas locações priorizaram a horizontalidade do espaço para que as figuras humanas ganhassem destaque em planos gerais com grandes lentes (*Frame 1*, Figura 3). A personagem Samir, por exemplo, exigia um lugar que materializasse o discurso messiânico; por isso, o Lajedo de Pai Mateus, com seus matacões de até 45 toneladas e atmosfera mítica, foi selecionado para produzir um efeito de epifania. A partir desse lajedo, outros ambientes foram selecionados, paisagens como cânions e serras (*Frames 2 e 3*, Figura 3) que são conectadas pelas estradas de terra, conferindo o efeito de unidade como se fosse uma cidade (*Frame 4*, Figura 3).

Figura 3 - Locações no município de Cabaceiras - PB

Fonte: Autoria nossa a partir dos episódios um, três e oito de *Onde Nascem Os Fortes* (2018).

Simbolicamente, Samir situa-se “[m]ais perto do céu”, no alto do Lajedo dos Anjos, onde recebe pessoas em “busca de refúgio” (Gshow, 2018b), a cenografia construiu o “Xingu do sertão” (Padiglione, 2018), uma estrutura orgânica feita de PVC envelhecido para simular gravetos, reforçando o discurso da rusticidade e o valor do esforço humano (*frames* 1 e 2, Figura 4). A fonte de inspiração é o “Sandworm (ou ‘minhoca de areia’)", uma espécie de catedral construída nas dunas do litoral de Wenduine, na Bélgica (*figuras* a e b, Figura 4) (Arch daily, s.d.).

Figura 4 - “Xingu do sertão” (Lajedo de Pai Mateus) e Sandworm (litoral da Bélgica)



Figura a



Figura b



Frame 1

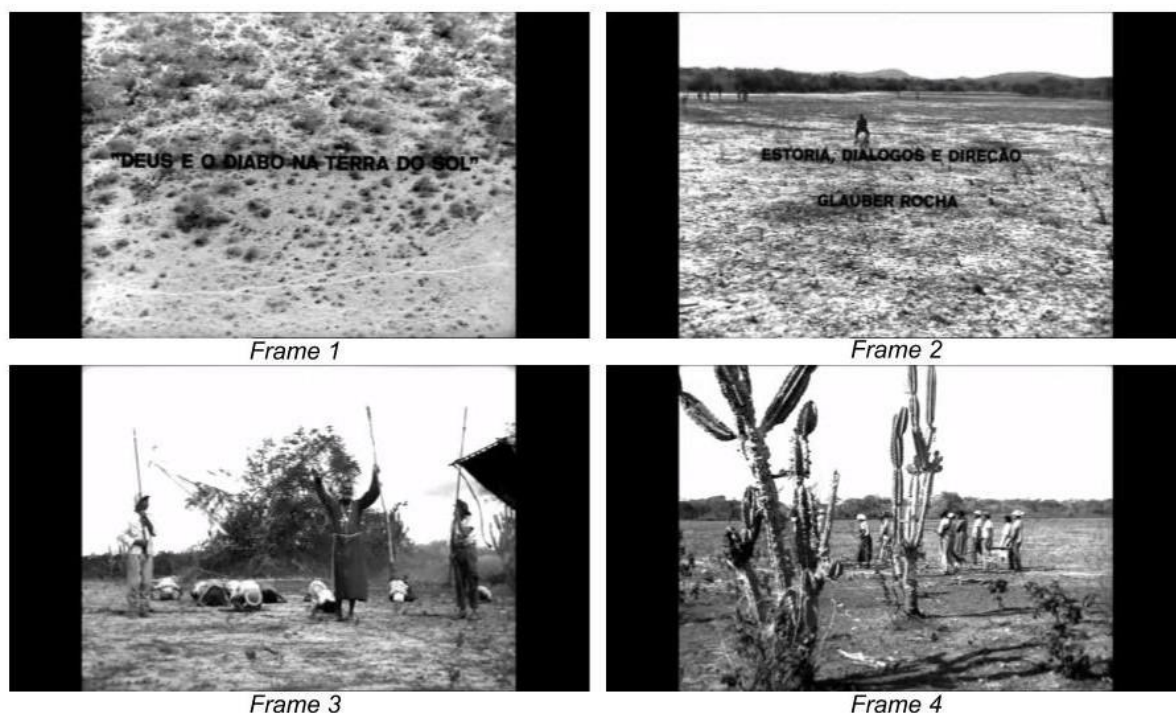


Frame 2

Fonte: Autoria nossa a partir de Gshow (2018b) e Arch daily (s.d.).

Além do regime de visibilidade do sertão contemporâneo (Figura 1), há outras práticas discursivas e materialidades cinematográficas mobilizadas na supersérie para figurar o sertão arcaico, como o Cinema Novo. A fotografia da obra utiliza planos de longa duração e uma luz que rasga (como aparece na Figura 5), transportando a solidão do território para a interioridade do sujeito (Padiglione, 2018). Essa luz atua como um elemento discursivo da estética realista do Cinema Novo, no qual a luz natural conferia autenticidade e fazia circular o regime de verdade da aridez, como em *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) (Figura 5). A remanência cinematográfica do último evoca a horizontalidade do espaço, a terra gretada e a vegetação da caatinga por meio de cena aérea (*frame 1*, Figura 5), além de planos abertos (*Frames 2, 3 e 4*, Figura 5), de modo que o efeito de integração dos elementos característicos da geografia do lugar seja amalgamado aos sujeitos, mostrados pela luz natural, de forma crua e visceral.

Figura 5 - Luz natural atua no regime de verdade “aridez e dureza” do sertão brasileiro



Fonte: Autoria nossa a partir de *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), de Glauber Rocha.

A obra de Glauber supracitada é considerada um marco da estética do Cinema Novo, faz uma “crítica à alienação ao misticismo” (Xavier, 2007, p. 25) e opõe figuras importantes dos tipos sociais nordestinos: vaqueiro, cangaceiro, beato e jagunço (Figura 5). O seu fazer artístico fundamenta-se na “estética da fome” que é uma “metáfora que permite nomear um estilo de fazer cinema”, na qual a “carência deixa de ser obstáculo e passa a ser assumida como fator constituinte da obra, elemento que informa a sua estrutura e do qual se extrai a força da expressão” (Xavier, 2007, p. 13). Retomar estes enunciados do cinema nacional e estrangeiro colocam em funcionamento o item 2 do Plano da Invisibilidade - arquivo e memória (Figura 1).

Além das referências nacionais, o cinema desértico internacional integra o sistema de enunciabilidade da obra ao utilizar a geografia como espelhamento da interioridade subjetiva. A supersérie dialoga com a estética de Bernardo Bertolucci em *O Céu que Nos Protege* (1990), no qual os locais inférteis e preches de silêncio operam como extensões do vazio das personagens (casal em crise) (frames 1 a 2, Figura 6). Essa regularidade retoma a influência de David Lean em *Lawrence da Arábia* (1962), com

planos abertos e longos que destacam a verticalidade da figura humana contra a horizontalidade do território para produzir o efeito de *punctum* (frames 5 a 6, Figura 6) — uma “picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte”, que toca o espectador de forma única (Barthes, 1984, p. 46). Por fim, a produção aproxima-se de Michelangelo Antonioni em *Profissão: Repórter* (1975), ao explorar a escassez de falas e a falta de comunicabilidade por meio de planos amplos e sequências que evidenciam o isolamento no deserto (frames 3 a 4, Figura 6).

Figura 6 - Espelhamento personagem-cenário, poucas falas, deserto em planos abertos

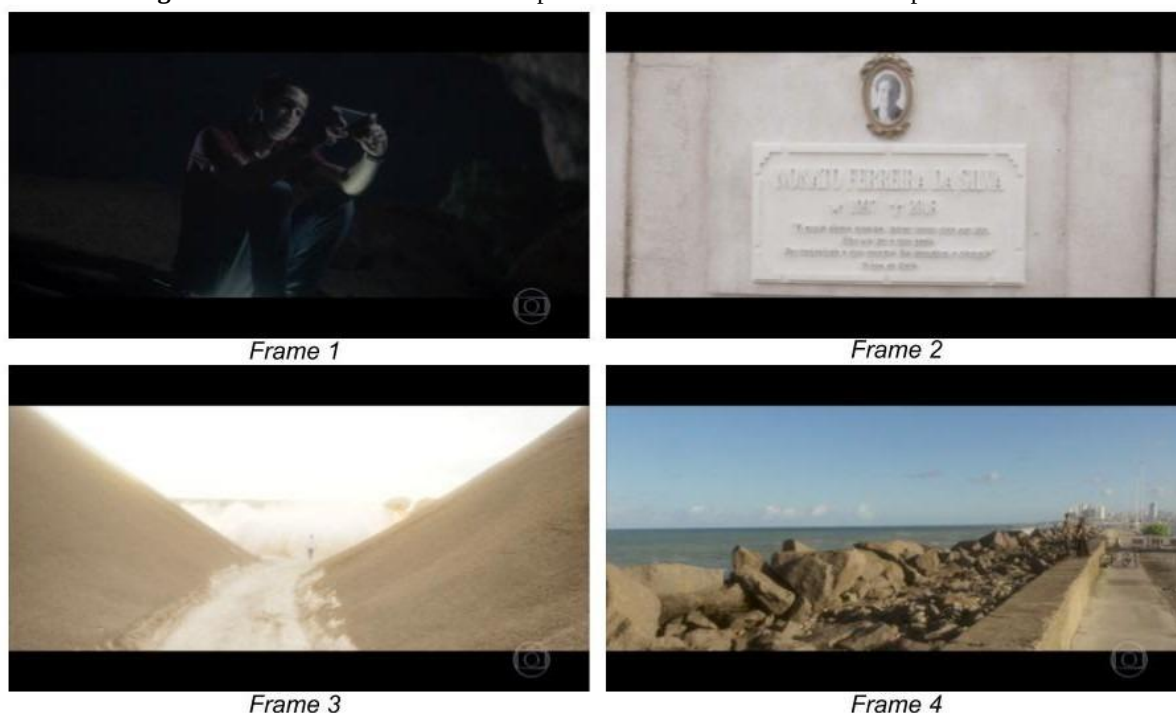


Fonte: Autoria nossa a partir de *O Céu que Nos Protege* (1990), de Bernardo Bertolucci; *Lawrence da Arabia* (1962), de David Lean; e *Profissão: Repórter* (1975), de Michelangelo Antonioni.

Portanto, as escolhas estético-discursivas dessas materialidades se configuram como uma regularidade, pois as histórias são ambientadas em paisagens áridas e nas quais elementos, como areia, poeira, vastidão e silêncio são recorrentes. Nesse jogo discursivo, identifica-se as escolhas do Plano da Visibilidade - regime discursivo da estética da fome, documental e cinema desértico e os efeitos de sentidos que acionam discursos sobre o sertão arcaico e moderno, segundo o item 2 do Plano da Invisibilidade - arquivo e memória (Figura 1).

Por conseguinte, no campo literário a remanência mais proeminente do Plano da Invisibilidade - arquivo e memória (Figura 1) é *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (2013). A obra organiza-se discursivamente nos três movimentos: O Homem, a Terra e a Batalha, e suas personagens evocam tipos históricos como o cangaceiro, o empresário e o beato que estão presentes em *Onde nascem os fortes* (2018). Outros enunciados literários incorporados são: *Grande Sertão: Veredas* (1956), de Guimarães Rosa, no episódio seis (*Frame 1*, Figura 7), no qual Hermano se declara a Maria recitando — “De sofrer e de amar, a gente não se desfaz” —, assim como no último episódio, em que o casal dialoga e retoma o enunciado sobre o mar ser “maior que grande, é imenso” ecoando o dizer rosiano sobre o sertão (*Frame 4*, Figura 7); e poemas de Thiago de Mello, “Faz escuro mas eu canto” (1965), epitáfio na lápide de Nonato (*Frame 2*, Figura 7), exibido no episódio 28 e Ferreira Gullar, “Cantiga para não morrer”, recitado por Pedro como declaração de amor à Cássia em momento de incerteza e despedida (*Frame 3*, Figura 7), no episódio 5.

Figura 7 - Enunciados da literatura e poesia de nordestinos citados na supersérie



Fonte: A partir dos episódios 6, *frame 1* (8min4s); 28, *frame 2* (4min53s); 53, *frame 3* (32min47s) e *frame 4* (35min10s), de *Onde Nascem Os Fortes* (2018).

Por fim, além de Gullar, a remanência poética produz, com a poeira branca de bentonita, uma metáfora visual para a memória, integrando o item tratamento de imagem, do Plano de Visibilidade - regimes discursivos. Somada à poeira, a remanência musical junta Fagner (*Frame 3*, Figura 7) e Geraldo Azevedo (*Frame 4*, Figura 7) produz uma atmosfera de saudade e de resistência que atravessa a materialidade ficcional.

A análise empreendida nesta seção demonstrou que a supersérie articula um arquivo de referências, que transita entre a “estética da fome” (Cinema Novo), o naturalismo do cinema documental contemporâneo e a solidão existencial dos filmes de deserto, transformando o cenário em uma personagem ativa que materializa relações de poder e a interioridade dos sujeitos. Essa construção é reforçada pela remanência de enunciados literários de Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, que consolidam um regime de verdade sobre a ferocidade e a imensidão do sertão no retângulo da tela. Na sequência, investigamos como essas referências são materializadas na sintaxe

audiovisual, item 1 do Plano da Visibilidade (Figura 1), transformando o sertão em uma personagem, item 3 do Plano da Visibilidade (Figura 1).

5 SINTAXE AUDIOVISUAL E BRASILIDADE “NORDESTINIZADA” E(M) DISCURSO EM *ONDE NASCEM OS FORTES* (2018)

Esta seção analisa a sintaxe audiovisual de *Onde Nascem Os Fortes* (2018), investigando como seus elementos estéticos articulam o arquivo da brasilidade “nordestinizada”. No Plano da Visibilidade, item 1 - sintaxe audiovisual (Figura 1), a obra se insere no regime do “realismo melodramático”, mobilizando técnicas como a proporção 21:9 para capturar a horizontalidade espacial, além de uma “decupagem econômica” pautada por planos amplos e de longa duração com redução de cortes (Fernandes, 2021). Essas estratégias conferem maior liberdade ao elenco para uma exploração contínua e natural da cena. O efeito de sentido central reside no uso de grandes lentes que contrasta a janela horizontal e a verticalidade das personagens, o que projeta o ser humano em destaque contra a imensidão do território, conforme pontua o diretor artístico José Luiz Villamarim:

Quando você está em local muito horizontal e você coloca algo na vertical - no caso, um ator, um ser humano -, ele prende, chama a atenção. Ele vem para o primeiro plano. Este pressuposto de contar esta história extremamente humana, em um lugar assim, foi um dos nortes que nos levou a este local (Gshow, 2018a).

Nesse sentido, estabelece-se uma relação entre a posição de quem vê (espectador) e de quem enuncia (sujeito na tela), enfatizando a interação dos sujeitos com o sertão nordestino, item 1 do Plano da Invisibilidade - condições de produção e posição sujeito e uma geografia discursiva, item 3 do Plano da Visibilidade - cenário como personagem (Figura 1). A horizontalidade manifesta-se em planos abertos e gerais, nos quais se “insere o sujeito em seu ambiente” (Jullier; Marie, 2012, p. 24). Através de planos longos e com profundidade de campo, a figura humana protagoniza a imagem, sendo destacada em meio à amplitude geográfica.

Assim, a combinação dos elementos estéticos observados na sequência de *frames* da Figura 7 vão produzir o que estamos chamando de Brasil Profundo, item 2 do

plano da Invisibilidade - arquivo e memória (Figura 1). Eles demonstram: plano geral e ângulo normal com panorâmica horizontal, conferindo a sensação de vastidão (*Frame 1*, Figura 8); o uso de vozes em *off* seguidas pela revelação das identidades (*Frame 2*, Figura 8); o efeito de fotografia esbranquiçada para sinalizar sequências de reminiscência (*Frame 3*, Figura 8); e o uso de câmera na mão para conferir naturalidade ao olhar (*Frame 4*, Figura 8).

Figura 8 - Planos longos e abertos, profundidade de campo, grandes lentes



Fonte: Autoria nossa a partir do episódio 2 - *frame 1* (3min23s); *frame 2* (10min50s); *frame 3* (26min24s); *frame 4* (27min4s), de *Onde Nascem Os Fortes* (2018).

A escolha criteriosa das locações foi motivada pelo fato de o sertão atuar como uma personagem ativa na prática discursiva, conforme previsto no item 3 do Plano da Visibilidade (Figura 1). O bioma é caracterizado por elementos como terra gretada, caatinga seca, sol abrasador e luz branca intensa (Albuquerque Júnior, 2019, p. 26). Esse espaço — marcado por seca, vento (*frame 1*, Figura 9), sol escaldante, luz branca, terra partida (*frame 2*, Figura 9), formações rochosas que conferem uma atmosfera mítica (*frame 3*, Figura 9) e a união da comunidade no enfrentamento da estiagem (*frame 4*, Figura 9) — compõe a dimensão visível do sertão nordestino. A fotografia

explora imagens empoeiradas que refletem o estado de espírito sombrio dos sujeitos. Tal regularidade estética é mantida por uma fotografia que prioriza captações com luz natural, registrando também o vento e o calor como componentes do regime estético-discursivo e da performance do elenco, aliados à performatividade da prosódia local, materializando o conceito de cenário como personagem, item 3 do Plano da Visibilidade (Figura 1).

Figura 9 - Seca, terra gretada, vento, sol e luz branca e formações rochosas



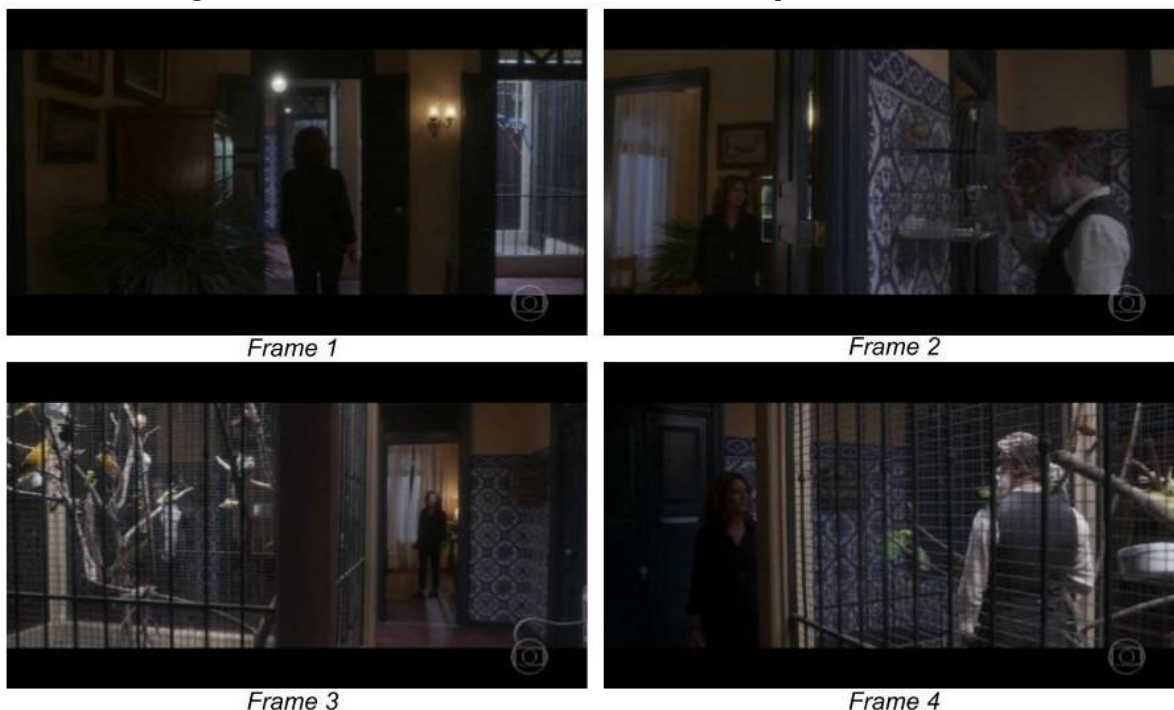
Fonte: Autoria nossa a partir de *Onde Nascem Os Fortes* (2018).

As relações de poder ganham visibilidade na sintaxe audiovisual, reatualizando o *determinismo social-darwinista* que opera como um saber-poder capaz de “fixar” o sujeito ao território (Figura 9). Isso ocorre porque, ao mostrar o cenário em uma escala que compete com a figura humana, produz-se o efeito de verdade de que o espaço interfere diretamente na produção subjetiva das personagens. Tal estratégia exerce um controle simbólico sobre o corpo e a resistência do sertanejo, transformando a aridez geográfica em um dispositivo de sujeição que limita as possibilidades de desvio ou fuga da identidade “nordestinizada” imposta pelo arquivo. A produção desse efeito

determinista está fundamentada no item 3 do Plano da Invisibilidade — condições de emergência e regimes de verdade (Figura 1).

Destaca-se, ainda, no regime sonoro-visual o *uso do silêncio como um “regime de luz”* para produzir a verdade do espaço, item 2 do Plano da Invisibilidade — arquivo e memória (Figura 1). Diferente da telenovela tradicional, o que é mostrado na *mise-en-scène* entre um diálogo e outro é o que produz os efeitos de sentido pretendidos. Conforme aponta Moura: “O silêncio é uma marca. Você tem a solidão, tem que mudar toda a sua perspectiva, o seu olhar” (Padiglione, 2018). Por essa razão, as rubricas de roteiro orientam gestos, expressões e movimentações que preenchem a encenação silenciosa. Um exemplo emblemático ocorre quando a personagem Cássia se aproxima silenciosamente de Ramiro enquanto este conversa com seus pássaros, chamando-os pelos nomes de pessoas falecidas (*Frames 1 e 2*, Figura 10); a perturbação no rosto da personagem é revelada sem verborragia (*Frame 4*, Figura 10), e o monólogo de Ramiro ganha novos sentidos a partir da escuta silenciosa de Cássia (*Frame 3*, Figura 10).

Figura 10 - No silêncio, a visibilidade da *mise-en-scène* produz a verdade



Fonte: Autoria nossa a partir do episódio 45, 2min25, *Onde Nascem Os Fortes* (Globo, 2018).

Portanto, as características, que qualificam os regimes de visibilidade e de enunciabilidade de uma narrativa do sertão, retomam a memória estética de um arquivo imagético do que já foi produzido para cinema e para televisão e, ao mesmo tempo, encerram os saberes técnicos, estéticos e artísticos resultantes da dinâmica do trio de autores. Há uma preocupação em produzir o efeito do real por meio da captação de imagens direto do sertão Cariri Paraibano. O efeito do real é consolidado pela captação direta no Cariri paraibano, pela escalação de atores locais e pelo rigor com a prosódia, definindo o modo como a obra diz e faz ver o sertão e o sertanejo contemporâneos. Na Figura 11, apresentamos como a materialidade audiovisual produz o regime de verdade da brasilidade “nordestinizada”.

Em suma, a materialidade *Onde Nascem Os Fortes* (2018) articula a visibilidade técnica à invisibilidade discursiva. No eixo *Sintaxe Audiovisual vs. Condições de Produção*, a obra utiliza a proporção 21:9, a decupagem econômica (planos longos e poucos cortes) e grandes lentes para destacar a verticalidade humana contra a horizontalidade da terra. Tais escolhas vinculam-se ao *know-how* e à autoridade da TV Globo e de realizadores locais na construção de uma “narrativa da Nação” sob o *rebranding* da emissora para empresa *mediatech*, elevando o folhetim ao *status* de “supersérie” para competir com o *streaming*.

A relação *Regimes Estilísticos vs. Arquivo e Memória* evidencia que as estéticas do Cinema Novo, do documental contemporâneo e do cinema desértico manifestam materialmente as remanências do “estoque de verdades”. Referências a Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e ao cancionário de Fagner e Geraldo Azevedo projetam o Brasil Profundo como espaço de saudade e resistência. Por fim, o binômio *Cenário como personagem vs. Condições de emergência e Regimes de Verdade* consolida o sertão como figura ativa. O silêncio como “regime de luz” permite a reatualização do determinismo social-darwinista, emulando a polarização política contemporânea e reagindo ao vigor do “novo feminismo” via arquétipo do sertanejo rústico e conservador.

Figura 11 - Resultados depreendidos na prática de leitura de discurso e(m) imagem

Onde Nascem os Fortes (2018): o Brasil Profundo na teledramaturgia

PLANO DA VISIBILIDADE (Instância representacional, estética e formal)

1. SINTAXE AUDIOVISUAL

- Local de observação:** planos abertos que estabelecem a relação entre o espectador e o sujeito na tela, priorizando o olhar "com" as personagens;
- Proporção 21:9 (CinemaScope):** captura a horizontalidade do sertão;
- Decupagem econômica:** planos longos, redução de cortes e mudança de ângulos;
- Dinâmica de câmera:** o uso de câmera na mão (naturalismo), aliado à panorâmicas e travellings que exploram a vastidão do território;
- Grandes lentes e planos gerais:** destaque da verticalidade humana contra a horizontalidade da terra por meio de planos gerais e abertos com profundidade de campo.

2. REGIMES ESTILÍSTICOS

- "Estética da fome":** luz natural "que rasga" e aridez visceral (Cinema Novo) - *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964);
- Estética documental:** sertão atualizado, com personagens comuns - não apenas caricaturas dos tipos nordestinos - *O céu de Suely* (2006);
- Cinema desértico:** escassez de falas, falta de comunicabilidade e uso do *punctum* - *Lawrence da Arábia* (1962); *Profissão: Repórter* (1975) e *O Céu que Nos Protege* (1990);
- Tratamento de imagem:** fotografia esbranquiçada e empoeirada, uma metáfora visual da memória e reminiscência.

3. O CENÁRIO COMO PERSONAGEM

- Espaço ativo:** vento, calor e luz branca são figuras dramáticas que inserem o espaço como personagem;
- Performatividade:** por meio do sotaque, com prosódia tanto atuada por elenco sudestino quanto o local, como efeito do real;
- Geografia discursiva:** a relação entre escala humana vs. território, produzida pelo enquadramento de ator/atriz em primeiro plano, contrasta com a imensidão do espaço.

PLANO DA INVISIBILIDADE (Instância simbólica e discursiva)

1. CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO E POSIÇÃO-SUJEITO

- Efeito de verdade:** o olhar de testemunha (objetiva) valida a "maquinaria imagético-discursiva" da brasilidade;
- Condições imediatas da formulação:** i) momento e condições de produção: frente à competitividade (mercado internacional e streaming), o Grupo Globo transicionou o modelo de negócio (mediatich) e operou rebranding de suas produções (supersérie); ii) lugar de circulação: TV Globo (23h) e Globoplay; iii) materialidade: funde a dinâmica do folhetim, estruturas melodramática e de seriado à estética cinematográfica;
- Posição-sujeito:** legitimidade da TV Globo, da parceria entre diretores e roteiristas, assim como parte do elenco nordestino (saberes locais);
- Know how técnico:** a TV Globo consolidou a teledramaturgia como "recurso comunicativo", de "narrativa da nação" e de representação do "Brasil Profundo".

2. ARQUIVO E MEMÓRIA

- Remanência literária:** diálogo com Euclides da Cunha e com Guimarães Rosa;
- Remanências cinematográficas:** diálogo com o Cinema Novo, documental e o cinema desértico internacional;
- Remanência poética e musical:** enunciados poéticos de Thiago de Mello e Ferreira Gullar, aliados ao canção de Fagner e Geraldo Azevedo, produzem uma atmosfera de saudade e resistência;
- Brasil Profundo:** espaço marginal, o sertão nordestino, onde o vazio interior é espelhado na vastidão do território;
- Regime sonoro-visual:** o silêncio atua como um "regime de luz"; a escuta silenciosa produz a verdade da cena sem necessidade de verbosidade.

3. CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA E REGIMES DE VERDADE

- Acontecimentos discursivos:** a "seca de setenta", a captura do conceito de sertão e a ficcionalização do Brasil Profundo, em *Roque Santeiro* (1985);
- Contexto de emergência:** reação ao "novo feminismo" e polarização política;
- Regimes de verdade:** reatualização do determinismo social-darwinista e da brasilidade "nordestinizada" - consolidação do sertanejo como o brasileiro típico.

Fonte: Autoria nossa, a partir do percurso proposto no Figura 1, e gerado com IA.

6 CONSIDERAÇÕES INCONCLUSAS

A presente pesquisa cumpriu o objetivo geral ao demonstrar como o discurso ficcional de *Onde Nascem Os Fortes* (2018) integra o arquivo da brasilidade “nordestinizada”, consolidando-se como um exemplar do Brasil Profundo na teledramaturgia contemporânea. A sintaxe audiovisual produz um efeito de verdade em que o sertão não é mero cenário, mas um espaço organizado para exercer poder e como um elemento ativo na produção de subjetividades e resistências.

Em conclusão, a materialidade da supersérie retoma a memória estética de um arquivo do que já foi produzido para cinema e para televisão, além de expor a maquinaria imagético-discursiva de reprodução das relações históricas de saber-poder e desigualdade no sertão. Embora a obra reforce estigmas do “nordestino rústico” como reação a mudanças culturais, ela também investe em práticas de resistência que deslegitimam a tradição arcaica.

Pesquisas futuras podem aprofundar a análise sobre como a polarização política contemporânea e o avanço de movimentos progressistas, como os novos feminismos, tensionam esse arquivo da brasilidade nas produções audiovisuais mais recentes, buscando identificar possíveis rupturas no regime de verdade aqui descrito.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007. (Coleção História).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo” - uma história do gênero masculino (1920- 1940)**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entregêneros).

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O rapto do sertão: a captura do conceito de sertão pelo discurso regionalista nordestino. **Revista observatório Itaú Cultural**, n. 25 (maio/novembro 2019). São Paulo: Itaú Cultural, 2019 p. 21-35. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio-25-sertoes-imaginarios-memorias-e-politicas>. Acesso em 18 mar. 2026.

ARCH DAILY. **SANDWORM / Marco Casagrande**. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-43294/sandworm-marco-casagrande>. Acesso em 07 mar. 2026.

BALDAIA, Fabio Peixoto Bastos; MEDEIROS ARAÚJO, Tiago; ARAÚJO, Sinval Silva de. O Bolsonarismo e o Brasil profundo: notas sobre uma pesquisa. In: **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Anais. Salvador – Bahia: Enecult, jul. 2021. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132106.pdf>. Acesso em 18 mar. 2026.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: notas sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas: Editora Unicamp/Edusp, 2013.

BRITO, Fábio Leonardo Castelo Branco. **Visionários de um Brasil profundo: invenções da cultura brasileira e seus contemporâneos**. 2016. 300 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. 662 p. (Coleção biblioteca básica brasileira; 24).

FERNANDES, Gustavo. **O realismo melodramático de José Luiz Villamarim**. Centro de crítica da mídia (CCM). 27 mai. 2021. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/o-realismo-melodramatico-de-jose-luiz-villamarim/>. Acesso em: 14 mar. 2026.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Org. e selec. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Coleção Ditos & escritos V)

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. (Coleção Campo Teórico)

FOUCAULT, Michel. **De espaços outros**. Estudos Avançados, São Paulo, Brasil, v. 27, n. 79, p. 113–122, 2013. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/68705>. Acesso em: 9 mar. 2026.

GSHOW. **Diretor José Luiz Villamarim comenta a importância do semiárido nordestino nas gravações de 'Onde Nascem Os Fortes'**. Atualizado em 24 abr. 2018a. Disponível em: <https://gshow.globo.com/series/onde-nascem-os-fortes/noticia/diretor-jose-luiz-villamarim-comenta-a-importancia-do-semiarido-nordestino-nas-gravacoes-de-onde-nascem-os-fortes.ghhtml>. Acesso em: 05 mar. 2026.

GSHOW. **'Onde Nascem os Fortes': conheça Samir, o homem que está perto do céu**. Atualizado em 6 abr. 2018b. Disponível em: <https://gshow.globo.com/series/onde-nascem-os-fortes/noticia/onde-nascem-os-fortes-conheca-samir-o-homem-que-esta-perto-do-ceu.ghhtml>. Acesso em: 30 mar. 2026.

GONZAGA, Juliane de Araujo. **Novo feminismo**: acontecimento e insurreição de saberes nas mídias digitais. 2018, 393 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara).

GROS, Frederic. Foucault e a questão do quem somos nós? Tempo Social; **Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, v. 7, n.1-2, p. 175-178, outubro de 1995.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Senac São Paulo, 2012.

LAWRENCE da Arábia. Direção: David Lean. Produção: Sam Spiegel. Reino Unido: Horizon Pictures, 1962. DVD (3h47min.)

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 26, p. 17–34, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34. Disponível em: <https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 30 mar. 2026.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela como recurso comunicativo. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 1, p. 21–47, 2009. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/38239>. Acesso em: 27 mar. 2026.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira e Brasil Profundo. **MATRIZES**, São Paulo, Brasil, v. 19, n. 2, p. 39–55, 2025. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v19i2p39-55. Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizes/article/view/239852>. Acesso em: 30 mar. 2026.

O Céu de Suely. Direção: Karim Ainouz. Brasil / França / Alemanha: VideoFilmes, 2006. DVD. (90 min.)

O céu que nos protege. Direção: Bernardo Bertolucci. Produção: Carlo Ponti. Reino Unido / Itália: Warner Bros, 1990. DVD. (138 min.)

ONDE NASCEM OS FORTES. Criação e roteiro: George Moura e Sergio Goldenberg. Direção geral: Luisa Lima. [S.l.]: Globoplay, 2018. 53 capítulos.

PADIGLIONE, Cristina. ‘Os sertões’, de Euclides da Cunha, é forte referência para nova novela das Onze. **Telepadi**, publicado em 26 mar. 2018b. Disponível em: <https://telepadi.com.br/os-sertoos-de-euclydes-da-cunha-e-forte-referencia-para-nova-novela-das-onze-da-globo/>. Acesso em: 14 mai. 2024.

PROFISSÃO Repórter. Direção: Michelangelo Antonioni. Produção: Jeremy Thomas e William Aldrich. Itália, Espanha e França: United Artists, 1975. DVD. (126 min.)

ROCHA, Tacía. **Movimentos de contraconduta feminista em “Onde nascem os fortes” (Globo, 2018):** violência, resistências e artes do cuidado de si. 2024. 356f. Tese (Doutorado em Letras – Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2024.

TASSO, Ismara Eliane Vidal de Souza. Iconografia: (in)visibilidades nas práticas pedagógicas de leitura. In: MENEGASSI, Renilson José; SANTOS, Annie Rose dos (Org). **Concepções de linguagem e ensino**. Maringá: Eduem, 2010. p. 95-123.

XAVIER, Ismail. **Sertão Mar:** Glauber Rocha e a estética da fome. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

XAVIER, Nilson. **“Onde Nascem os Fortes” propõe uma imersão profunda no sertão, diz diretor**. TV e famosos Uol, 12 abr. 2018. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/blog/nilsonxavier/2018/04/12/onde-nascem-os-fortes-propoe-uma-imersao-profunda-no-sertao-diz-diretor/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 14 mar. 2026.

Original recebido em: 03 de abril de 2026

Aceito para publicação em: 15 de agosto de 2026

Tácia Rocha

Doutora e Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutoranda em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Possui MBA em Gestão de Marketing, Vendas e Mídias Sociais pela Faculdade Cidade Verde, atual Centro Universitário Cidade Verde (UNICV). Bacharela em Publicidade e Propaganda e graduanda em Jornalismo, ambos pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER). Licenciada em Letras, com habilitação em português e inglês, pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, atual UNESPAR. Coordenou projetos de iniciação científica e de extensão, bem como foi docente nos cursos de graduação em Jornalismo e Publicidade e Propaganda no Centro Universitário Metropolitano de Maringá (UNIFAMMA). Foi professora nos cursos de Publicidade e Propaganda e de Comunicação e Multimeios, bem como Designer Educacional e Professora da Educação Profissional e Técnica de Nível Médio na Universidade de Maringá (UNICESUMAR). Atualmente, leciona em cursos de Pós-graduação e de Graduação no UNICV, nas áreas de comunicação e design. No campo da pesquisa acadêmica é líder, juntamente com o Prof. Me. Erick Stacy Gagliardi, do Grupo de Pesquisa Tecnologia, Comunicação, Design e Mercado: Sinergias e Desafios no Cenário Contemporâneo (TechCom/CNPq), bem como recebe o apoio financeiro "Bolsa Pesquisa", ambas atividades na mesma IES onde leciona.

Rodrigo Cabrini Dall'Ago

Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). Graduando em Jornalismo e bacharel em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Metropolitano de Maringá – UNIFAMMA. Participa dos grupos de pesquisa GEPOMI – Grupo de Estudos Político-Midiáticos e Mídias, Tecnologias e Educação: Reflexões Textuais e Discursivas.

Blake Oliver Furquim de Camargo

Licenciado em Português/Inglês (2020), bacharel em Tradução (2021) e atualmente Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Também, é graduando em Letras Português/Japonês pela Universidade Positivo (UP). Tem formação nas áreas de Pedagogia pelo Centro Universitário de Maringá (UNICESUMAR), Teatro pelo Centro Universitário Católico Ítalo Brasileiro (UníItalo) e Game Design pela Anhembi Morumbi (UAM), além de especializações em Psicologia Educacional, Tutoria e Gestão EAD e Educação Especial - Deficiência Intelectual pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). Pesquisa os seguintes temas: gênero e sexualidade, ensino e aprendizagem de línguas, estudos da tradução e jogos digitais. Docente de disciplinas relacionadas à língua portuguesa, à língua inglesa e à tradução no Centro Universitário Cidade Verde (Unicive, antigo UniCV). É integrante do grupo de pesquisa GEPOMI - Grupo de Estudos Político-Midiáticos - e do grupo Mídias, Tecnologias e Educação: Reflexões Textuais e Discursivas.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional